

## DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: quem ensina e quem aprende com o ensino remoto?

*Ilsa do Carmo Vieira Goulart*<sup>1</sup>

*Giovanna Rodrigues Cabral*<sup>2</sup>

*Eixo 7 - Alfabetização e formação inicial e continuada de professores*

**Resumo:** Diante das recomendações de isolamento e distanciamento social, a instauração do ensino remoto emergencial foi a estratégia utilizada pelas instituições de ensino para minimizar as lacunas deixadas na educação das crianças nos anos de 2020 e 2021, no Brasil. Assim, com a proposição de ações pedagógicas a serem realizadas em casa, distantes da escola, as redes públicas de ensino estão enfrentando o desafio de garantir a aprendizagem dos estudantes em tempos de isolamento social e suspensão presencial do atendimento das escolas, decorrentes da pandemia da Covid-19). Frente a esta situação inusitada da educação, pode-se questionar: quem ensina e quem aprende neste contexto de ensino remoto? A partir desta provocação, este texto pretende debater sobre as condições da docência remota e os espaços diferenciados para a elaboração e a efetivação dos processos de ensinar e de aprender, com a pretensão de refletir sobre as percepções das práticas educativas em ambientes remotos e os impactos na formação inicial docente. Para isso, trazemos um relato de experiência a partir das ações formativas desenvolvidas no componente curricular Práticas de Alfabetização e Letramento e Estágio em Alfabetização e Letramento, do curso de Pedagogia, em situações de diálogos com professoras alfabetizadoras sobre os processos de ensinar e de aprender em circunstâncias remota.

**Palavras-chaves:** Formação docente; Professor alfabetizador; Ensino Remoto.

### Introdução

Em 20 de março o Senado aprovou o decreto de Estado de Calamidade Pública no Brasil (Decreto legislativo nº 6), em meio a pandemia pelo novo Coronavírus o Brasil e demais nações mundiais adotaram medidas de isolamento social, o que acarretou no fechamento das fronteiras terrestres e aéreas para evitar a propagação do novo vírus. Diante disso, o Ministério da Educação (MEC) emite a Portaria de nº 343/2020, orientando a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, durante a situação de pandemia da Covid-19,

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela FE-UNICAMP. Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras. E-mail: [ilsa.goulart@ufla.br](mailto:ilsa.goulart@ufla.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela PUC-RJ. Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras. E-mail: [giovanna.cabral@ufla.br](mailto:giovanna.cabral@ufla.br)

para as instituições de educação do país, em todos os níveis e etapas de ensino<sup>3</sup>.

O parecer CNE/CP N.º 5/2020 argumenta sobre os direitos e objetivos de aprendizagem previstos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e currículos dos cursos das instituições de educação superior, para propor a reorganização das atividades educacionais, por conta da pandemia, de modo a minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes. A Portaria do MEC n.º 343/2020, autoriza, em caráter excepcional, a substituição dos componentes curriculares presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação.

Assim, as universidades mobilizaram-se em buscar medidas para um trabalho pedagógico em que pudessem dar continuidade aos processos formativos dos estudantes. Deste modo, estudantes e professores, na instituição de ensino superior, passaram a interagir e a produzir conhecimentos por meio do ensino remoto emergencial, conforme instituído pela Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n.º 089, de 29 de julho de 2020, na Universidade Federal de Lavras. Com isso, as aulas presenciais migraram para o ambiente digital, tornando a relação entre discentes e docentes mediada pelos recursos tecnológicos e digitais e, conseqüentemente, contribuindo para as vivências de situações e contextos de letramento digital nos cursos de graduação.

Neste contexto, os componentes teóricos e práticos do curso de Pedagogia, especificamente, o componente curricular de Práticas em Alfabetização e Letramento e o Estágio em Alfabetização e Letramento, passaram a desenvolver suas atividades pelas orientações do Parecer CNE/CP N.º 5/2020. O documento assinala que esta medida pode ser aplicada, visto que, em decorrência das demandas sociais pela modalidade de EaD, faz-se “[...] sentido que estágios vinculados às práticas na escola, em sala de aula, possam ser realizados de forma igualmente virtual ou não presencial, seja a distância, seja por aulas gravadas etc.” (BRASIL, 2020, p. 17).

Frente às orientações de substituição da realização das atividades práticas dos estágios de forma presencial para não presencial, com o uso de meios e tecnologias digitais de informação e comunicação, de que forma se poderia oportunizar ações formativas para os licenciandos, em relação ao conhecimento e à apropriação de práticas docentes sem a vivência ou experiência concreta de situações de ensino e aprendizagem no ambiente escolar? Em relação ao processo educativo, quem ensina e quem aprende neste contexto de ensino remoto?

---

<sup>3</sup> Frente a emergência nacional sanitária, implementou-se ajustes e acréscimos por meio da Portaria de n.º 345, de 19 de março de 2020, e da 356, de 20 de março de 2020. Com isso, em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da Covid-19.

Diante de tal provocação, este texto assume como objetivo debater sobre as condições da docência remota e os espaços diferenciados para a elaboração e efetivação dos processos de ensinar e de aprender, com a pretensão de refletir sobre as percepções das práticas educativas em ambientes remotos e os impactos na formação inicial docente.

Para isso, trazemos um relato de experiência a partir das ações formativas desenvolvidas com o componente curricular Práticas em Alfabetização e Letramento e Estágio em Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia, trazendo situações de diálogos com professoras alfabetizadoras, propiciando uma reflexão sobre os processos de ensinar e aprender em contexto remoto.

## **2 Formação docente: alguns aspectos a se refletir sobre ensinar e aprender**

Ao considerar a formação docente como centralidade do debate proposto, nos pautamos em Freire (1996, p.12) quando, ao abordar a temática a partir da perspectiva de quem ensina e de quem aprende, traz à discussão a relação de reciprocidade e interdependência entre tais ações, ressaltando que o ato de ensinar inexiste sem o ato de aprender. Nesta direção, ao direcionamos um olhar para as preocupações do fazer docente em situações diversas do contexto social, no caso o ensino remoto, que causou repercussão direta no que se compreendia por ensinar e aprender. Frente a essa situação, nesta reflexão direciona-se um olhar para o docente como sujeito promotor e receptor do processo de aprender, visto que “nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da "formação" do futuro objeto de meu ato formador”. (FREIRE, 1999, p. 12).

Neste sentido, quando remetemos à aprendizagem no contexto escolar, temos uma abordagem de processo, conforme destacam Simons e Masschelein (2017, p.41), entendendo que possui um início e um fim, sendo este processo de “conhecimentos, habilidades, atitudes e competências”, o qual passa a ser compreendido como um modo de transformação, de produção, frente ao qual “aprender é considerado, assim, como um processo de mudança”.

Pensar na aprendizagem como ação de mudança, pode ser discutida a partir de óticas distintas, dependendo do campo de discussão, segundo nos mostra Simons e Maschelein (2017), algumas inclinam-se na vertente da psicologia outras da filosofia da infância. Em relação a esta última, os autores argumentam que a mudança por meio da aprendizagem se mostra uma questão de necessidade, de socialização, de investimento, (de capital humano), de desenvolvimento e de crescimento (cognitivo e afetivo), apontando que

“a mudança que é sempre motivada por uma finalidade e/ou por uma falta”. (SIMONS; MASCHELEIN, 2017, p.51)

Podemos pensar que essa ação de mudança ocorre, em primeira instância, a partir do encontro com a docência, ou seja, a identificação com o que se compreende por ser pedagogo, nisso considera-se que “ser mestre, educador é um modo de ser e um dever-ser”, (ARROYO, 2013, p. 42), e trata-se de uma aprendizagem que parte de um cuidado, de uma percepção de si para, então, acompanhar o desenvolvimento do outro.

Aprender a ser pedagogo, a reatar com a estação da infância, que é a dos possíveis do ser humano, exige domínio das teorias e, sobretudo, exige uma elaboração pedagógica que não pode ser confundida com a aprendizagem e o domínio de mais uma técnica. É antes um saber sobre o percurso pedagógico, formador, que vai tornando possíveis as possibilidades de sermos humanos. (ARROYO, 2013, p.41)

A dimensão da aprendizagem é pensada e planejada em relação ao sujeito aprendente: o estudante, entretanto, o convite a se pensar nessa reflexão trata-se do professor assumindo este papel no processo educativo. Diante do qual, a formação do professor precisa ser contínua, intensa, reflexiva, problematizadora, seguida de registros escritos, vídeos, fotos, de modo que sua prática possa ser tematizada, discutida e analisada em diferentes momentos do ensino, em que “a formação continuada aparece como uma maneira de auxiliar a reflexão do professor a respeito da própria prática pedagógica”. (GOULART, 2013, p.216)

O processo formativo se esbarra na percepção da necessidade de estar em condição de aprendente, de reconhecimento de um saber que não se completa, mas antes se conscientiza de sua continuidade, o que exige que:

Continuemos a pensar um pouco sobre a inconclusão do ser que se sabe inconcluso, não a inconclusão pura, em si, do ser, no suporte, não se tornou capaz de reconhecer-se indeterminado. A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do 33 inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. (FREIRE, 1996, p.32)

Este ato consciente do inacabamento da ação de aprender move a outras ações, como: questionar, aprimorar, conferir, retomar, buscar, entre outras, demonstra um estado de abertura abertos à procura, à curiosidade, pois se nos reconhecemos "programados, mas para aprender, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façam”. (FREIRE, 1996, p.33)

### **3 Ensino remoto: dimensões que envolvem o ensinar e o aprender**

A formação inicial docente prevê a realização de componentes curriculares com atividades práticas e o Estágio Supervisionado. No curso de Pedagogia temos os componentes curriculares: “Práticas em Alfabetização e Letramento” e “Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento”, que têm por finalidade desenvolver práticas educativas que favorecem a atuação no ensino da leitura e da escrita nos 1.º ou 2.º anos do ensino fundamental. Diante de um contexto pandêmico ocasionado pela Covid-19, as ações formativas para a prática pedagógica foram organizadas de forma remota, procuram garantir a legitimidade da formação inicial, amparada pelo dever de oferecer uma qualificação profissional, a integralidade do exercício da função docente, de modo a estabelecer uma articulação entre a teoria e a prática.

Neste relato de experiência apresentamos algumas reflexões que contribuíram para o processo de formação inicial e envolveram os conceitos básicos para a compreensão das práticas de alfabetização e letramento, estimulando o repensar sobre as práticas pedagógicas para promover a aprendizagem da leitura e da escrita.

A partir dessa compreensão, fizemos discussões teóricas sobre o ambiente alfabetizador, sobre as práticas de alfabetização, a partir das atividades orientadas em roteiros de estudos assíncronos com a indicação de leituras complementares de artigos ou capítulos de livros; a indicação de vídeos que discutissem a temática; a disponibilização de atividades no ambiente virtual de aprendizagem; estudos de caso, análise de material didático; elaboração de propostas pedagógicas e de atividades que aconteceram de forma síncrona, como encontros de aulas em vídeoconferência, de discussão temática, de orientação e esclarecimentos de dúvidas, de conversas com professores alfabetizadores, que foram gravadas, para posteriores acompanhamentos.

Dentre as diversas ações realizadas, para este relato optamos por descrever alguns fragmentos e refletir sobre a conversa construída entre os estudantes da Pedagogia e as professoras alfabetizadoras. Para isso, foram analisados mais de 40 relatórios, produzidos entre os semestres de 2020, com duas turmas do curso de Pedagogia, escritos em duplas, como forma de amenizar a situação inóspita de inserção na prática pedagógica por meio dos estágios nas instituições escolar. A partir do diálogo com as professoras alfabetizadoras, os estudantes, em condição de estagiários, teceram reflexões sobre o diálogo construído.

Em conversa com a professora alfabetizadora, surgiu um diálogo a respeito dos alunos com dificuldades e atrasos no processo de alfabetização. Segundo a professora, as atividades que estão sendo enviadas na pandemia são as mesmas para todas as crianças, mesmo sabendo que existe heterogeneidade nas turmas é como se a criança tivesse o direito de receber aquela atividade. A docente aponta que o problema se encontra no fato de que certos

alunos que ainda não chegaram naquele nível e nem desenvolveram certas habilidades ficam sem fazer as tarefas (ou elas são feitas pelos pais) caso o professor não pense ou não consiga desenvolver uma atividade alternativa e complementar. Mesmo assim, a professora ressalta que pode ficar uma lacuna na aprendizagem devido à falta de intervenção presencial do docente.

Além disso, outra coisa que chama a atenção durante a conversa, foi a explicação da professora que através de uma pesquisa ficou evidente que o material impresso era mais eficiente na entrega de atividades, porque muitas famílias não conseguiam acessar uma plataforma online. Aqui entra a questão do letramento digital, já que muitos pais não conseguiram criar uma conta pra acessar a plataforma e isso nos remeteu diretamente a uma atividade desenvolvida em grupo alguns semestres antes, tendo como base a sala de aula invertida. Segundo a professora: “a proposta do nosso plano era trabalhar com uma plataforma online, consideramos por exemplo o problema de falta de computadores, mas não pensamos no letramento e familiaridade das famílias com esse tipo de tecnologia digital, então foi um desafio a mais para se pensar”. (Reflexão 1)

A curiosidade dos estudantes refletia sobre a compreensão das ações pedagógicas desenvolvidas pelas docentes para garantir que a alfabetização acontecesse.

Durante a conversa com a professora J., algumas perguntas foram feitas e, em certo momento, foi solicitado que a professora alfabetizadora relatasse uma experiência que ela vivenciou dentro de sala de aula em relação às dificuldades que aparecem para algumas crianças nesse processo.

A professora contou a história de um menino chamado Jean, que tinha 12 anos e estava no 4º ano. Segundo a professora, ela foi chamada até a diretoria e lhe foi relatado que o aluno tinha um déficit, mudanças de humor e era de família carente, sua mãe não tinha recursos para dar uma assistência paga a ele. A diretora da escola perguntou se ela podia acolhê-lo em sua sala de aula e a professora aceitou.

Diante da situação a professora precisou trilhar um caminho que permitisse que ele fosse alfabetizado e incluído na turma. Ela entendeu que o caminho que precisa percorrer com ele era o do carinho, da paciência e de muita atenção. Ela o colocava para ajudar e procurou elevar a sua autoestima. O feedback que ela teve depois de algum tempo, foi de que aquele aluno era muito feliz dentro da sala de aula. Ela ressaltou que no processo de alfabetização tem que ter proximidade entre o professor e o aluno.

Com isso, entendemos que o processo de alfabetização necessita não somente de letras e da junção delas, o processo de alfabetização é uma troca de carinho e empatia entre o professor e o aluno. Onde muitas vezes vamos precisar trilhar novos caminhos, para que todos cheguem juntos ao mesmo destino: a alfabetização. (Reflexão 2)

Outro aspecto observado refere-se às experiências desafiantes que todo professor enfrenta em sala de aula, especificamente, na alfabetização. A experiência comentada remete a duas situações recorrentes no contexto escolar: crianças com dificuldade de aprendizagem e às relações interpessoais entre professor e aluno, o que, muitas vezes, advêm interligadas. A professora descreve uma situação em que, por meio da empatia, obteve êxito no processo de aprendizagem.

Durante a conversa com a professora alfabetizadora E., ficou evidente que o

maior desafio que nós, futuras pedagogas enfrentamos é aprender a ser docente e a ministrar aulas. A graduação nos ensina a teoria e metodologias da prática, porém, é somente no dia a dia que exercitamos os ensinamos e nos deparamos com desafios que resultaram em experiência e capacitação profissional. Logo, é indubitável a importância do estágio para formação do futuro Pedagogo, enquanto campo de conhecimento, para aplicação da teoria estudada.

Outros desafios que encontramos são a falta de comunicação, interação e colaboração da família para com a instituição de ensino, ocasionando falhas no processo de ensino-aprendizagem. E, os diferentes níveis de alfabetização na turma. Diante disso, o professor deve estar atento e utilizar avaliações diagnósticas para conhecer os alunos e os diferentes níveis de aprendizagem dentro da mesma sala de aula, para traçar estratégias pedagógicas e todos avançarem significativamente em seu desenvolvimento. Sendo assim, sabendo que cada criança aprende de uma maneira, devemos compreender a necessidade de se estudar e entender todos os métodos para, assim, alfabetizá-las conforme o nível que cada criança está. Não é uma tarefa fácil e precisamos de uma base teórica consistente com a prática docente, para que possamos compreender melhor os alunos e ensinar conforme a necessidade de cada um. (Reflexão 3)

Outro aspecto observado na descrição dos estudantes refere-se ao fato da capacidade reflexiva sobre a condição da docência por meio do diálogo estabelecido com professoras alfabetizadoras. Pensar sobre a prática pedagógica foi um exercício de retomada as ações enquanto futuro pedagogo, entendendo as vertentes desafiadoras que envolvem a profissão.

#### **4 Considerações Finais**

A partir da proposta de reflexão sobre a prática educativa em conversas construídas com professoras alfabetizadoras foi possível minimizar os impactos de um ensino remoto na formação inicial de estudantes de Pedagogia e permitir um espaço de proximidade com a realidade escolar por meio da troca de experiências e do compartilhar dos enfrentamentos vivenciados por docentes que atuam na alfabetização.

A reflexão proposta implicou um olhar para as ações de ensinar e aprender e contextos pandêmicos tanto em relação ao processo de alfabetização, quanto em relação ao processo formativo no ensino superior, de modo que as descrições balizaram ações de um saber se constroi no contexto de trabalho, por meio uma superação de desafios constantes, visto que “todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância”. (FREIRE, 1979, p.15)

#### **Referências**

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestres**: imagens e auto imagens. 15. ed. Petrópolis:

Vozes, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020.** Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192), acesso em 10 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020.** Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.** Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF.

COPERTARI, Susana; LOPES; Claudio Neves. Pedagogia da virtualização em tempos de pandemia. **Revista Científica Educ@ção**, Miracatu, SP, v.4, n.8, out. 2020. Dossiê: Educação em tempos de Covid19.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre o espaço de ensino e a formação docente: práticas de leitura e escrita, **Revista Educação PUC-CAMP**, Campinas, p.211-222, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/2030>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LAVRAS. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº 089**, de 29 de julho de 2020, pela Universidade Federal de Lavras.

MAGGIO, Mariana. **Enseñar en Tiempos de Pandemia**. Departamento de Educación a Distancia. 2º Webinar - Educación y creatividad en tiempos de #coronavirus. En: <https://www.youtube.com/watch?v=lvy5QZ5Qk04> Buenos Aires, 5 de marzo de 2020. Recuperada el 10 de marzo de 2020. MAGGIO, Mariana. Clases virtuales: el desafío es que las plataformas no nos deshumanicen. Entrevista por Lidia Molina En: Redacción <https://www.redaccion.com.ar/clases-virtuales-el-desafioes-que-las-plataformas-no-nos-deshumanicen/> Buenos Aires, 23 de marzo del 2020. Recuperada, 28 de marzo de 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Nossas crianças não são nossas crianças: ou porque a escolar não é um ambiente de aprendizagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 23, p. 282-297, nov./abr. 2015.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro presente**. Lisboa Portugal: EDUCA, 2009.

Disponível em:< <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/04/antc3b3nio-nc3b3voa-professores-imagens-do-futuro-presente.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2020.